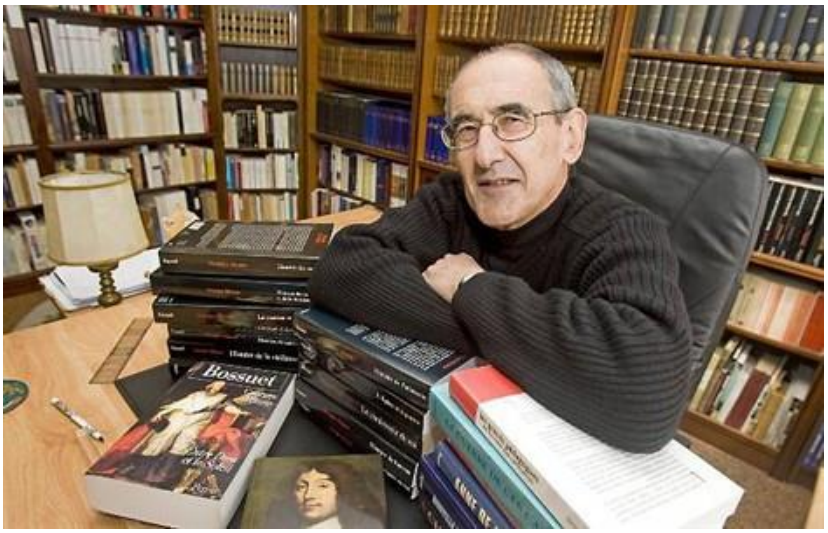
Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384
Boletim do Tempo Presente, nº 02, de 09 de 2012, p. 1 - 6, | http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente

VARIAÇÕES CULTURAIS DO CONCEITO DE FELICIDADE



MINOIS, Georges. *A idade de ouro:* história da busca da felicidade. Tradução Christiane Fonseca Gradvohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Por *Andreza S. C. Maynard [1]*

O francês Georges Minois dedicou parte de sua trajetória intelectual à investigação de sentimentos e idéias. Temas pouco comuns como a melancolia, o riso, o suicídio e a depressão integram a produção acadêmica desse historiador. E seu último livro publicado no Brasil em 2011, pela Editora Unesp, "*A Idade de Ouro*: História da Busca da Felicidade" acompanha essa perspectiva. Antes de tudo, o autor faz questão de esclarecer que a obra não oferece uma receita para alcançar a tão almejada felicidade. Como o próprio título sugere, Minois procura descobrir como os homens forjaram concepções de felicidade e caminhos que os levassem a ela. Mais precisamente, é sobre a corrida em direção à felicidade que o autor escreve.

A versão original "*L'Age d'or* : Histoire de la poursuite du bonheur", foi publicada em 2009 pela centenária Fayard e então traduzida para o português por Christiane Fonseca Gradvohl Colas. Trabalho de fôlego, em 466 páginas Minois realiza uma análise que se estende desde a era mítica, passando pela Antiguidade, Idade Média, Renascimento, Iluminismo, século XIX, desdobrando-se até o século XX e início do

XXI. A obra dividida em 10 capítulos tem o objetivo de expor a busca pela instauração, ou retorno, de uma idade de ouro num espaço delimitado, a Europa Ocidental.

No início da obra, Minois explica que a cultura ocidental foi profundamente influenciada pelo "mito pagão da idade de ouro", como também pelo mito judaico do "paraíso terrestre" transmitido aos cristãos. A concepção de uma idade de ouro surge por volta do século III a.C. graças a um poema épico de Hesíodo. Acreditava-se que no começo os homens eram tão felizes quanto os deuses. Enciumados, eles tramaram contra os homens e a raça de ouro foi substituída por outra de bronze, depois por uma de heróis, que foi trocada pela raça de ferro. Esta última seria a mais infeliz de todas e, coincidentemente, a nossa raça.

A partir daí o tom geral é pessimista. Para a mitologia grega, a idade de ouro é um caso encerrado e, em decorrência disso, a felicidade é inacessível aos homens. Pode-se reencontrá-la no hipotético além, nas Ilhas Bem-Aventuradas reinadas por Cronos. Nossa única felicidade na terra está ligada à idéia de um retorno da idade de ouro.

Por outro lado, o mito do paraíso terrestre está baseado na história bem conhecida da criação de Adão e Eva. Deus os colocou no Jardim do Éden e os proibiu de comer os frutos do conhecimento do bem e do mal. Após desobedecerem à ordem divina, os dois foram expulsos do paraíso. Minois constata que de acordo com o texto bíblico, Adão e Eva não sabiam o que era felicidade e infelicidade. Graças ao pecado eles passam a ter consciência de felicidade, no mesmo instante em que a perdem. Esse primeiro capítulo é elucidativo já que situa o leitor diante das idéias fundadoras do conceito de felicidade e que serão retomadas adiante. Tanto no mito da idade do ouro quanto no mito do paraíso terrestre, o estado perfeito da felicidade só existe num passado fabuloso e inacessível, e a perda desse bem é atribuído aos deuses.

No segundo capítulo, o historiador analisa o esforço dos filósofos durante toda a Idade Antiga para reverter o prognóstico deixado aos homens pela tradição mítica. Minois constatou que nesse período algumas fórmulas sugeriam que nem tudo estava perdido. Para Epicuro (século III a.C.) a felicidade dependia da capacidade de evitar a dor e procurar o prazer. De acordo com Aristóteles e Platão (séculos IV e V a.C.), para atingir a felicidade era preciso dedicar a vida à sabedoria e à virtude. A partir de Sócrates os filósofos tentarão encontrar o caminho e em todo o século V antes de nossa

era a felicidade passa a ser uma questão filosófica. Na Antiguidade, a felicidade está ao alcance de um número restrito de pessoas. Além dos filósofos, os teólogos também estabelecem uma concepção elitista para a palavra felicidade.

A perspectiva geral da Idade Média não era necessariamente otimista. No terceiro capítulo, Minois analisa o medievo e descobre que havia um consenso sobre a percepção de que a felicidade poderia ser experimentada apenas na próxima vida, no paraíso celestial, desde que a experiência na terra fosse marcada por uma vida de constante sofrimento. Os pensadores medievais, muitos deles ligados à Igreja Católica, difundiam que a felicidade já havia passado, com a idade de ouro e o paraíso terrestre, no entanto ela poderia ocorrer depois, no céu ou no novo milênio.

O mito da idade de ouro retorna durante a Renascença. No capítulo quatro, Minois explica que o conceito de felicidade foi reabilitado por Montaigne, que apontou a moderação como o caminho para atingi-la. Durante esse período, a América é idealizada como o paraíso terrestre, mas a ilusão se desfaz. O século XVI não é feliz e quanto mais deseja alcançar esse status, mais se convence de não o possuir. A renascença sonha com a felicidade perfeita e acaba encontrando a desgraça.

No quinto capítulo Minois observa o século XVII. Nesse momento os filósofos desmistificam a felicidade e abrem caminho para uma busca mais realista da vida feliz, ainda assim prepondera a tendência para encarar tudo pelo lado negativo. O historiador considera que este é o "século do Paraíso perdido". A felicidade terrestre deve ser tão boa quanto a celeste, mas é preciso escolher os prazeres com sabedoria. O cristianismo considera e permite a felicidade terrena. Sugere-se que o papel do Estado não é prover diretamente a felicidade, mas garantir que cada um possa escolher o que julga o melhor caminho para atingi-la, portanto a liberdade individual deve ser assegurada.

É no século XVIII que a maioria dos europeus passa a acreditar na possibilidade de ser feliz, ao menos entre os mais favorecidos. No sexto capítulo o autor menciona o retorno das utopias, que colocam a idéia de que o universo social está em desordem, portanto a sociedade precisa submeter os indivíduos às leis. A censura e o conformismo são apontados como elementos propulsores da felicidade. A igualdade é o traço dominante nas utopias, em detrimento da liberdade. Minois afirma que o século XVIII praticou a religião da felicidade. Todos a desejaram e como ela não chegou, a

infelicidade se tornou mais evidente. A busca se torna uma exigência e passa a ser uma força revolucionária.

No sétimo capítulo Minois continua analisando o século XVIII, mas desloca sua atenção para a relação entre as idéias revolucionárias, sobretudo na França, e o sentido de felicidade. Para o pesquisador, essa obsessão em torno da felicidade está relacionada ao desconforto causado pelo retraimento religioso. O século XVIII acreditou que a felicidade era um direito natural e que ela não era alcançada em decorrência da má organização política, econômica e social. No fim a revolução ocorreu e a felicidade não se instaurou.

O oitavo capítulo trata sobre o século XIX. Nessa parte do livro, o historiador destaca o triunfo da burguesia em toda a Europa Ocidental e uma percepção geral de que o sonho parece estar prestes a se realizar. O utilitarismo prega a possibilidade de haver a maior felicidade para o maior número, a América (do norte) volta a ser apontada como a terra da felicidade, uma vez que o desenvolvimento econômico e a legislação ultraliberal permitem a construção de fortunas, e o comunismo surge como mais uma tentativa de instaurar a era de ouro. E enquanto os utopistas visam à felicidade terrestre, as seitas oferecem a felicidade no além. No entanto os filósofos e romancistas vêem a felicidade enquanto uma quimera, ou mesmo um processo, não um estado possível de ser atingido. O século XIX perseguiu a felicidade e não a alcançou.

No nono capítulo o historiador examina o século XX. Nesse período a felicidade se torna assunto de Estado, ao passo em que se traduz num aspecto material, o bem-estar. Os regimes comunistas tentaram impor a felicidade através da igualdade e fracassaram. O fim da URSS acaba com o sonho da vida feliz pela igualdade. No século XX passamos da idéia de poder ao de dever ser feliz. A felicidade é consumista. No Estado Liberal a economia (consumo), liberdade e segurança estão envolvidos no processo que leva a felicidade. O cidadão-consumidor está de acordo. Pesquisas realizadas nos anos 2000 apontam que a maioria dos europeus (87%) se julga felizes. Enquanto isso, os intelectuais estão desiludidos, as promessas das religiões se tornam mais ilusórias e o homem continua a procurar a felicidade, mas sem confessar.

No décimo e último capítulo, Minois analisa a procura da felicidade a partir dos anos 1980. O autor constata a onipresença da felicidade e o clima de hedonismo forçado

que se instaura a partir de então. É preciso ser feliz e a felicidade é o nome nobre do consumo. A lógica econômica concilia felicidade e poder de compra. O historiador menciona a tentativa mal sucedida de encontrar a felicidade através da internet, celular e cartão de crédito. O homem sabe que a felicidade não está no início do século XXI, mas não pretende abandonar a busca. Quanto mais a felicidade parece distante, mais nos empenhamos em alcançá-la, esse é o diagnóstico do autor.

Minois encerra a obra se propondo a oferecer um balaço neutro acerca dessa perseguição pela idade de ouro, mas seu mal-disfarçado pessimismo deixa entrever a descrença na idéia de felicidade e em sua busca. Sendo assim, o historiador afirma que atualmente o modelo do homem feliz é aquele "que vive o cotidiano, adapta-se facilmente, segue todas as modas e possui todas as engenhocas indispensáveis sem levá-las muito a sério".

É provável que o livro interesse principalmente a historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e teólogos, contudo, nada impede que ele seja lido por um público mais abrangente. O tema é capaz de despertar a curiosidade de qualquer um, já que segundo o próprio Minois, a humanidade sempre esteve voltada para essa busca da felicidade. Além disso, o estilo narrativo claro e seqüencial adotado pelo autor é de fácil compreensão. Baseada em fontes européias, a discussão é apresentada sob um ponto de vista específico, pois mesmo quando se refere à felicidade dos pobres, Minois o faz com base nas idéias e registros deixados por uma elite pensante européia e masculina.

A argumentação é sustentada por textos escritos em diferentes épocas. O acervo de fontes consultadas compreende desde poemas épicos, romances, crônicas, utopias, manuais, tratados, resultados de pesquisas, livros de diversas áreas, até a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão e a Bíblia. Em meio à discussão dos textos escritos, o autor também menciona a existência de algumas imagens, quadros pintados por artistas famosos, todavia o livro não as reproduz.

Depois de um amplo trabalho de coleta e análise, Minois nos oferece um texto coeso. Entretanto a fórmula empregada para organizar a obra não constitui uma inovação. Em *História do riso e do escárnio*, publicado no Brasil em 2009 pela Editora Unesp, Minois apresenta a variação conceitual do riso e do escárnio desde a era mítica

até o século XX. Isso não chega a ser um demérito para *A era de ouro*, ao contrário disso, o expediente continua a funcionar.

Por fim, é preciso destacar que o tema do livro não chega a causar espanto, considerando que o mesmo autor já publicou sobre temas correlatos como infelicidade, depressão e riso. Assentado nos pilares que constitui a preocupação de qualquer historiador cultural, Minois parece ter se especializado em investigar a trajetória histórica dos sentimentos. Em *A era de ouro*, o historiador buscou decifrar os significados que os homens atribuem à palavra felicidade e o impacto disso em suas vidas.

A principal contribuição da obra está justamente em trazer o tema para ser debatido nocampo da história, uma vez que a felicidade já está na arena da filosofia e sociologia há algum tempo. Outro quinhão que a obra carrega é o de chamar a atenção dos pesquisadores para o conceito amplo e variável da felicidade. Como o próprio Minois faz questão de destacar, a história da corrida em direção à felicidade acompanha o contexto cultural de cada grupo e apresenta os valores que as sociedades defenderam ao longo dos séculos. Sem dúvida esta é uma leitura enriquecedora do ponto de vista historiográfico e intrigante sob vários outros aspectos.

Notas

[1] Doutoranda em História UNESP/Bolsista CAPES/ Integrante do GET/UFS/CNPq. E-mail:andreza@getempo.org">andreza@getempo.org